

RAFAEL GUERREIRO OSÓRIO

**BEM-ESTAR, DESIGUALDADE E POBREZA  
EM 12 PAÍSES DA AMÉRICA LATINA**

**ARGENTINA, BOLÍVIA, BRASIL, CHILE,  
COLÔMBIA, EQUADOR, EL SALVADOR,  
MÉXICO, PARAGUAI, PERU, URUGUAI  
E VENEZUELA**



---

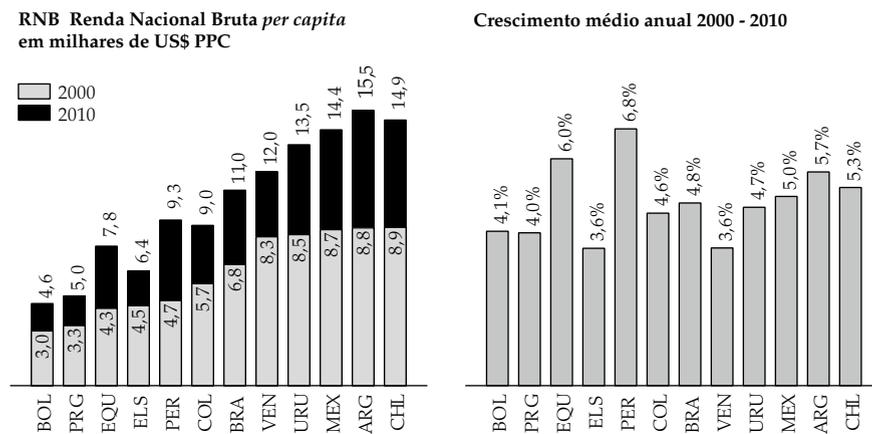
## BEM-ESTAR, DESIGUALDADE E POBREZA EM 12 PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

ARGENTINA, BOLÍVIA, BRASIL, CHILE, COLÔMBIA,  
EQUADOR, EL SALVADOR, MÉXICO, PARAGUAI,  
PERU, URUGUAI E VENEZUELA

RAFAEL GUERREIRO OSÓRIO

Os anos 2000 foram bons para muitos países latino-americanos. Para os 12 aqui considerados, os ganhos de bem-estar foram inequívocos, com o crescimento da renda conjugado com a redução da desigualdade, resultando em reduções das taxas de pobreza. Esses países foram beneficiados pela conjuntura internacional, que aumentou a demanda por seus produtos de exportação, mas parte do resultado, em particular, a queda da desigualdade de renda e da pobreza, deveu-se à expansão das políticas sociais, com destaque para as transferências de renda condicionais e focalizadas, adotadas em massa na América Latina.

**Gráfico1. Renda Nacional Bruta *per capita*, 2000 e 2010; taxa de crescimento médio anual**



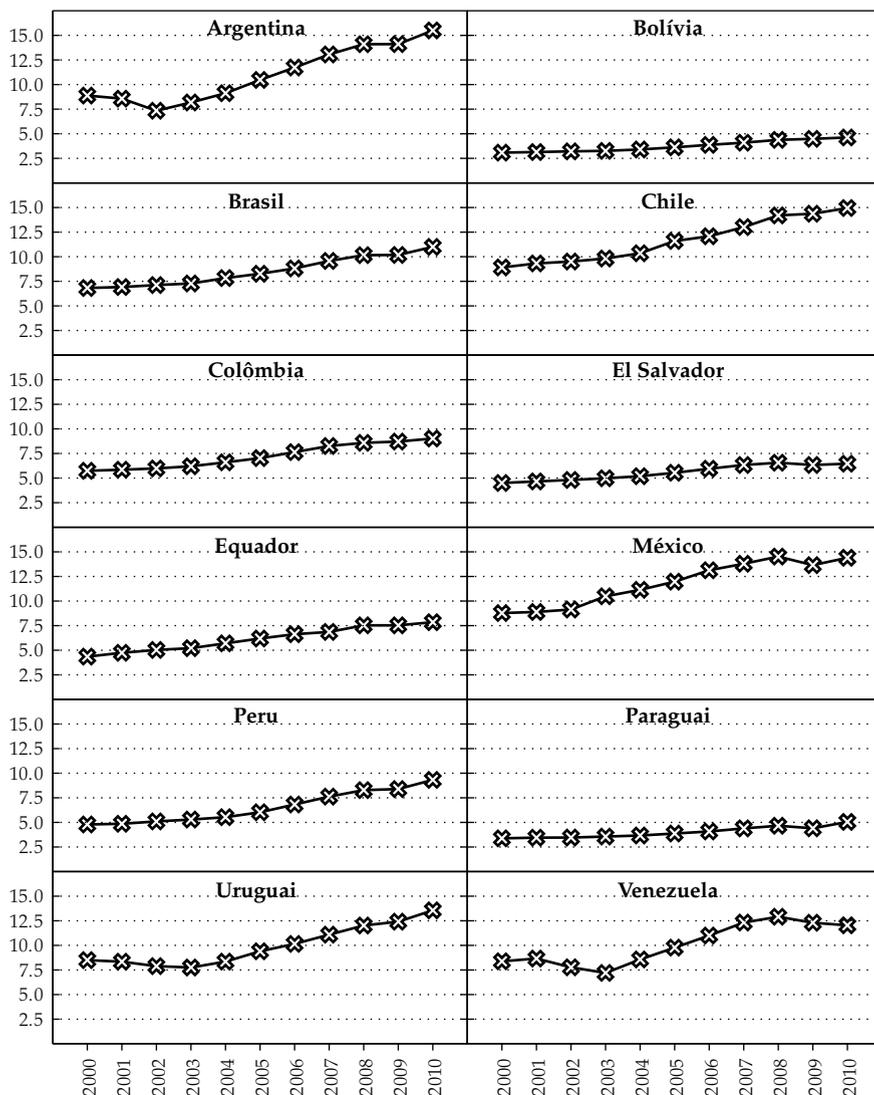
Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

O Gráfico 1 resume o crescimento da Renda Nacional Bruta *per capita*. A RNB é o Produto Interno Bruto descontado o que as empresas e pessoas estrangeiras ganharam no país e remeteram ao exterior e acrescido do que as empresas nacionais e os cidadãos no estrangeiro remeteram ao país. De 2000 a 2010, a RNB *per capita* dos 12 países cresceu em média 4,9% ao ano. A taxa de crescimento da maior parte dos países ficou em torno da média, excetuando Venezuela e El Salvador, com os piores desempenhos, e Equador e Peru, países com maior crescimento.

Além de a RNB *per capita* ter crescido em todos esses países de 2000 a 2010, a trajetória desse crescimento apresenta momentos semelhantes, como ilustrado no Gráfico 2. De 2000 a 2003, o crescimento é lento e, em alguns casos, a RNB chega a cair. Para a Argentina, o Uruguai e a Venezuela, 2002 e 2003 foram os anos de menor renda na década. De 2003 a 2008, a renda passa a crescer a taxas maiores, diferença que é particularmente nítida nas séries da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai e da Venezuela, os cinco mais ricos do grupo. Em 2008-2009, as séries de todos os países exibem o impacto da crise internacional, com redução do

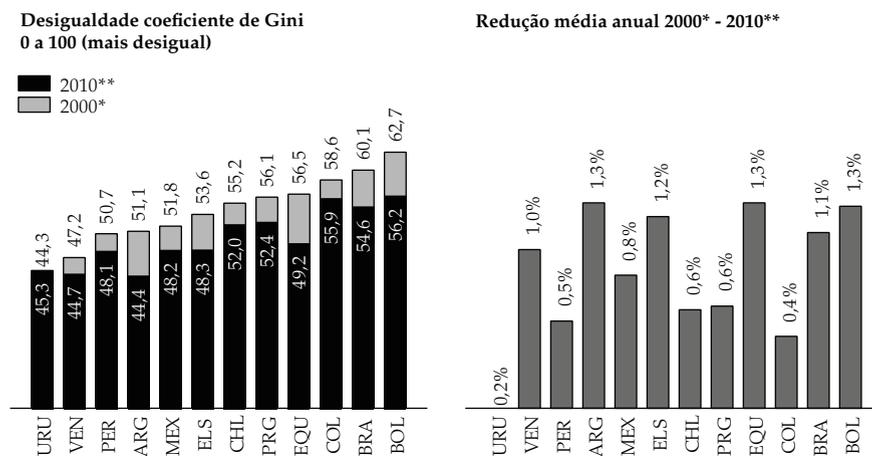
crescimento ou mesmo queda da RNB *per capita*, embora, com exceção da Venezuela, todos mostrem ligeira recuperação em 2010.

**Gráfico 2. Renda Nacional Bruta *per capita*, 2000-2010**



Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

**Gráfico 3. Desigualdade, coeficiente de Gini, 2000 e 2010; taxa de redução média anual**



\* Exceto BRA, ELS, PRG, VEN: 2001

\*\* Exceto BRA, CHL, ELS: 2009; MEX, BOL: 2008; VEN:2006

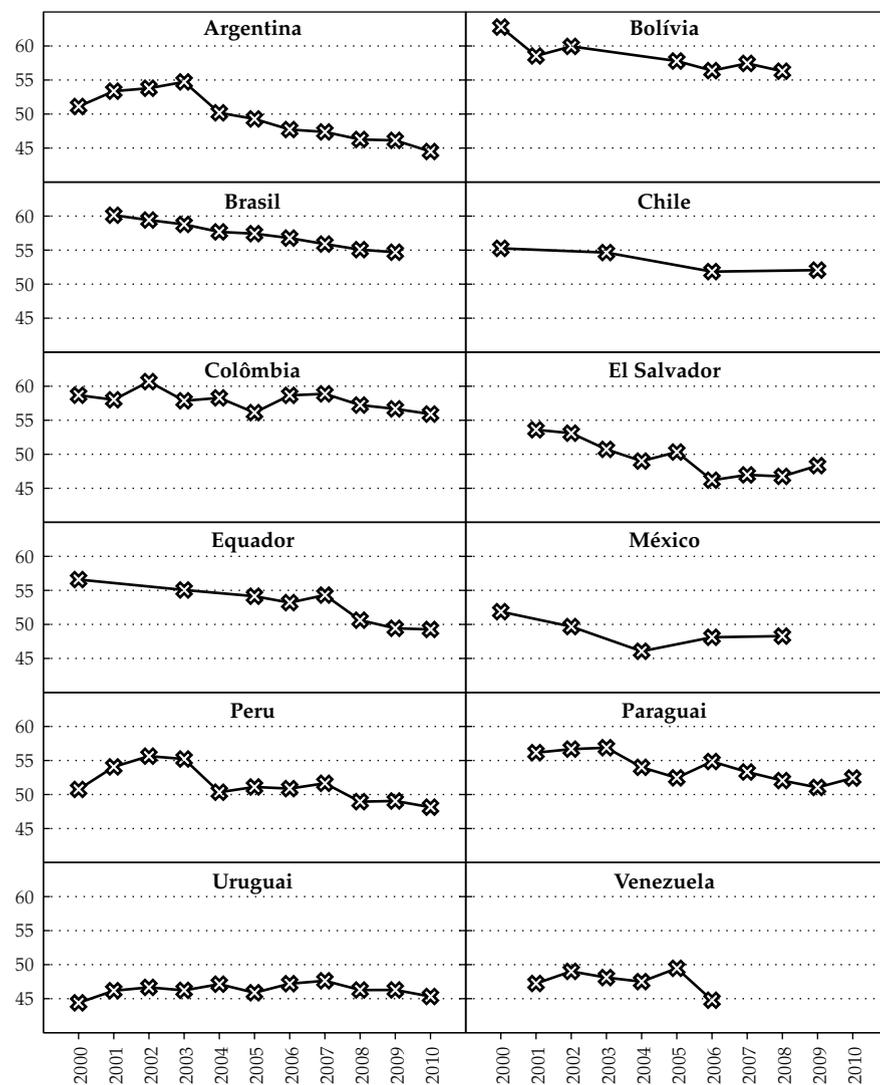
Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

O crescimento da renda foi acompanhado pela redução da desigualdade na distribuição dos rendimentos domiciliares *per capita*. Em 11 países, o coeficiente de Gini caiu, em média 0,89% ao ano para o período observado – que varia de país para país no Gráfico 3. O único país com maior desigualdade em 2010 do que em 2000 é o Uruguai, que, todavia, é um dos menos desiguais e era o menos desigual em 2000, quando tinha o menor Gini observado. De fato, nenhum país chegou ainda ao Gini do Uruguai em 2000, e uma questão interessante para ser observada nos próximos anos é se conseguirão fazer seus coeficientes de Gini caírem abaixo de 40.

As trajetórias da queda da desigualdade nos países são mais variadas do que o observado em relação à RNB, como se depreende do Gráfico 4. O Brasil se destaca pela queda contínua e quase linear, sem os anos atípicos de desigualdade mais elevada presentes nas séries de vários países. De qualquer forma, em alguns países, notadamente na Argentina, no Peru e no Uruguai, o início da década de 2000 foi marcado pelo aumento da desigualdade de renda. A exemplo do verificado para a RNB, as séries

da desigualdade também mostram o impacto da crise de 2008-2009 nos países cujos dados cobrem esse período. Esses países vinham experimentando quedas mais acentuadas da desigualdade a partir de 2006-7 e passaram por uma quase interrupção da queda no período 2008-9.

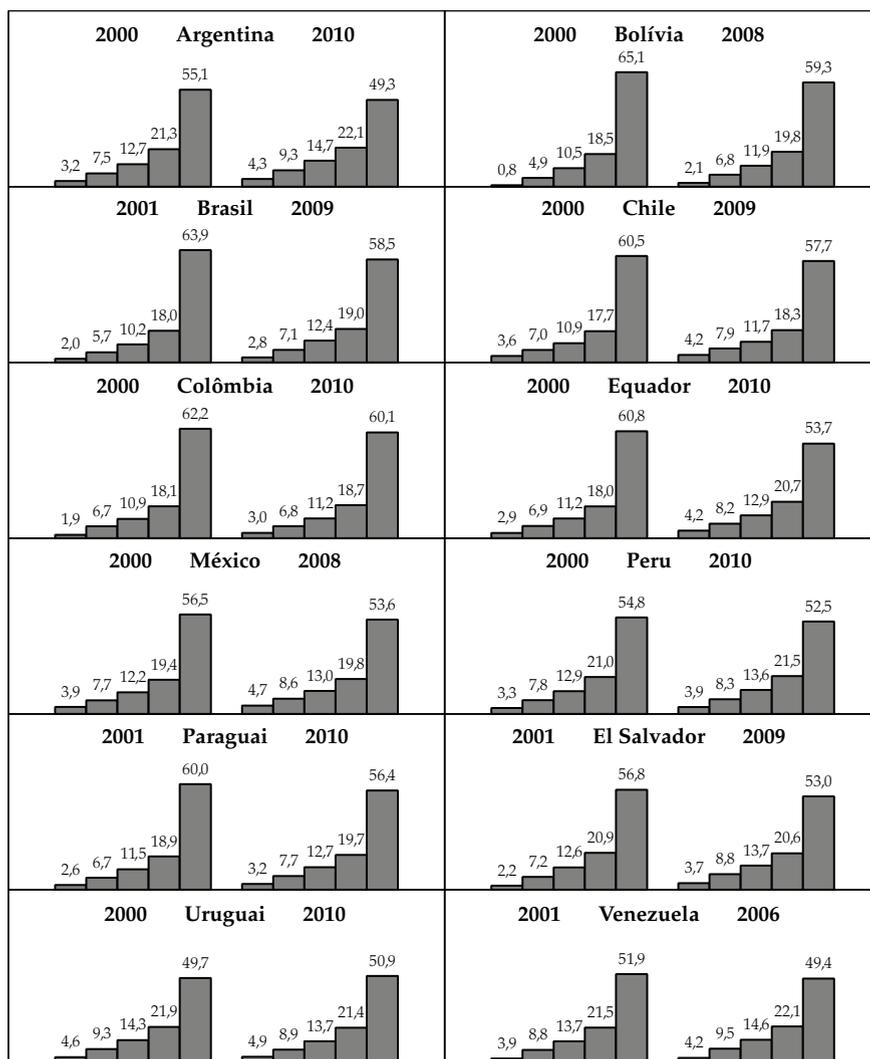
**Gráfico 4. Desigualdade, coeficiente de Gini, 2000-2010**



Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

Não obstante a queda, a desigualdade nos 12 países considerados permanece elevada, e a estratificação da população em quintos segundo a distribuição da renda não muda muito, como mostra o Gráfico 5. A despeito das diferenças nos coeficientes de Gini, os contornos da estratificação por renda dos 12 países são extremamente semelhantes. No período, exceto no Uruguai, os quatro quintos mais pobres da distribuição tiveram sua parcela da renda total um pouco aumentada, às expensas da parcela dos 20% mais ricos. Mesmo assim, no final da década, a parcela de renda apropriada pelos 20% mais ricos da população variava de 50 a 60% da renda total, enquanto em país algum a fração que cabia aos 20% mais pobres ultrapassava 5% da renda total. Embora a fração da renda total fluindo para os 20% mais pobres permaneça muito reduzida, em termos relativos, seu crescimento na década foi substantivo em vários países.

**Gráfico 5. Desigualdade, frações, em porcentagem, da renda total por quintos da distribuição da renda domiciliar *per capita***

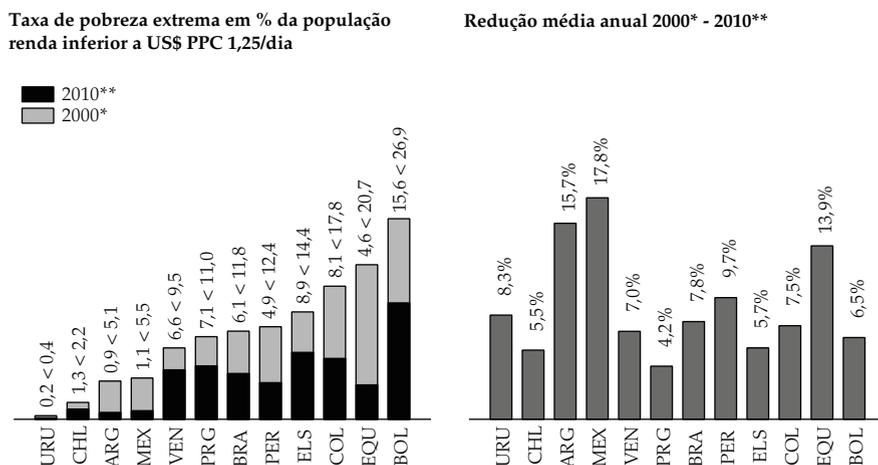


Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global

O crescimento da renda combinado com a redução da desigualdade fez com que caísse, em todos os países, a porcentagem da população vivendo com menos do que 1,25 dólares por dia, ajustados para a paridade

no poder de compra (PPC), a linha de pobreza extrema internacional, definida pelo Banco Mundial, e usada pelas Nações Unidas como principal indicador de monitoramento da primeira meta do primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (até 2015, reduzir a taxa de pobreza extrema global à metade do nível de 1990). A taxa de pobreza extrema em 2000 ou 2001, e em 2010 ou em um ano próximo, bem como sua taxa de redução média anual, podem ser vistas no Gráfico 6. No subgráfico à esquerda, os números maiores e em itálico são os valores de 2010 e correspondem às barras pretas.

**Gráfico 6. Taxa de pobreza extrema US\$ PPC 1,25/dia, 2000 e 2010; taxa de redução média anual**



\* Exceto BRA, ELS, PRG, VEN: 2001

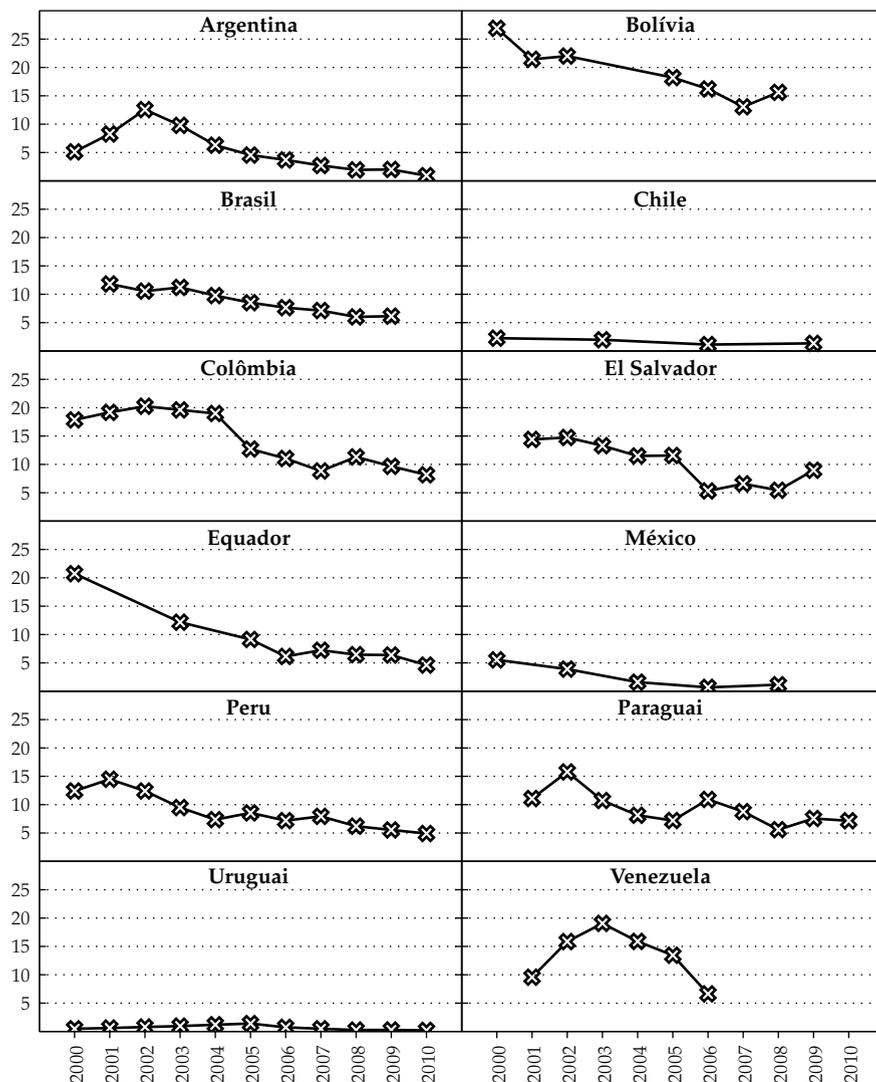
\*\* Exceto BRA, CHL, ELS: 2009; MEX, BOL: 2008; VEN: 2006

Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

Apenas o Uruguai e o Chile tinham a taxa de pobreza extrema abaixo de 5% da população no início da década de 2000, mas mais quatro países passaram essa barreira ao longo da década, com destaque para o Equador, que passa de penúltimo a quinto colocado no *ranking* de menor pobreza extrema. Todos os países reduziram bastante a pobreza extrema, e apenas a Bolívia restava com taxa acima de 10% da população. O México

e a Argentina tiveram desempenhos notáveis, apresentando as maiores reduções médias anuais, apesar de terem partido de taxas já bem baixas no início da década.

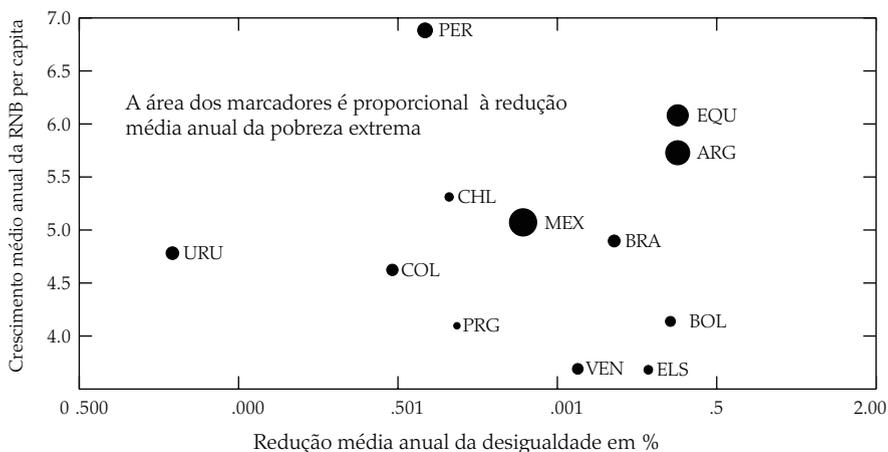
**Gráfico 7. Taxa de pobreza extrema US\$ PPC 1,25/dia, 2000-2010**



Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

Observando, no Gráfico 7, as trajetórias da pobreza extrema em cada país e desprezando o Chile e o Uruguai, cujas taxas já eram diminutas no início da década passada, é possível distinguir dois grupos. O primeiro é o mais numeroso e é composto por países em que a maior parte da queda da pobreza extrema aconteceu na primeira metade da década: Bolívia, Equador, México, Paraguai e Peru. O segundo é composto por Argentina, Colômbia, El Salvador e Venezuela, em que o grosso da queda do hiato de pobreza extrema ocorreu no meio da década, sendo que no caso da Argentina e da Venezuela foi precedido pela elevação nos primeiros anos. O Brasil não se encaixa bem em nenhum dos grupos, pois teve queda contínua da pobreza extrema de 2001 a 2009.

**Gráfico 8. Crescimento da RNB, redução do Gini e redução da pobreza extrema**



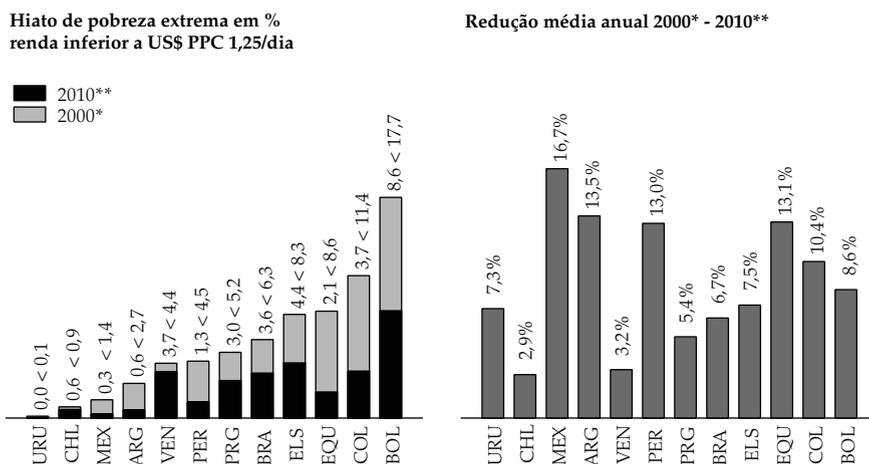
Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

O Gráfico 8 relaciona a queda da pobreza extrema (área dos marcadores) à redução da desigualdade (eixo horizontal) e ao crescimento da RNB (eixo vertical). Excetuando o México, os países que tiveram mais sucesso na redução da pobreza extrema, não surpreendentemente, foram também os que mais cresceram e reduziram a desigualdade – Argentina e

Ecuador –, e o Peru, que compensou uma menor redução da desigualdade com maior crescimento da RNB.

A redução do hiato de pobreza extrema também foi substantiva. O Gráfico 9 mostra que, em 2000 ou 2001, apenas quatro dos 12 países tinham hiato abaixo de 4% da linha *per capita*. Já no último ano para o qual o dado está disponível, apenas a Bolívia e El Salvador tinham o hiato de pobreza extrema acima de 4%, com quatro países ostentando taxas bem inferiores a 1%. O hiato de pobreza extrema ao longo do tempo acompanha, como se pode ver no Gráfico 10, as flutuações da taxa de pobreza extrema, apenas de forma mais suave. Ou seja, o custo teórico por habitante para a erradicação da pobreza extrema na região (que é estimado, em porcentagem da linha de pobreza extrema, pelo hiato) se encontra em patamares bem baixos.

**Gráfico 9. Hiato de pobreza extrema US\$ PPC 1,25/dia, 2000 e 2010; taxa de redução média anual**



\* Exceto BRA, ELS, PRG, VEN: 2001

\*\* Exceto BRA, CHL, ELS: 2009; MEX, BOL: 2008; VEN: 2006

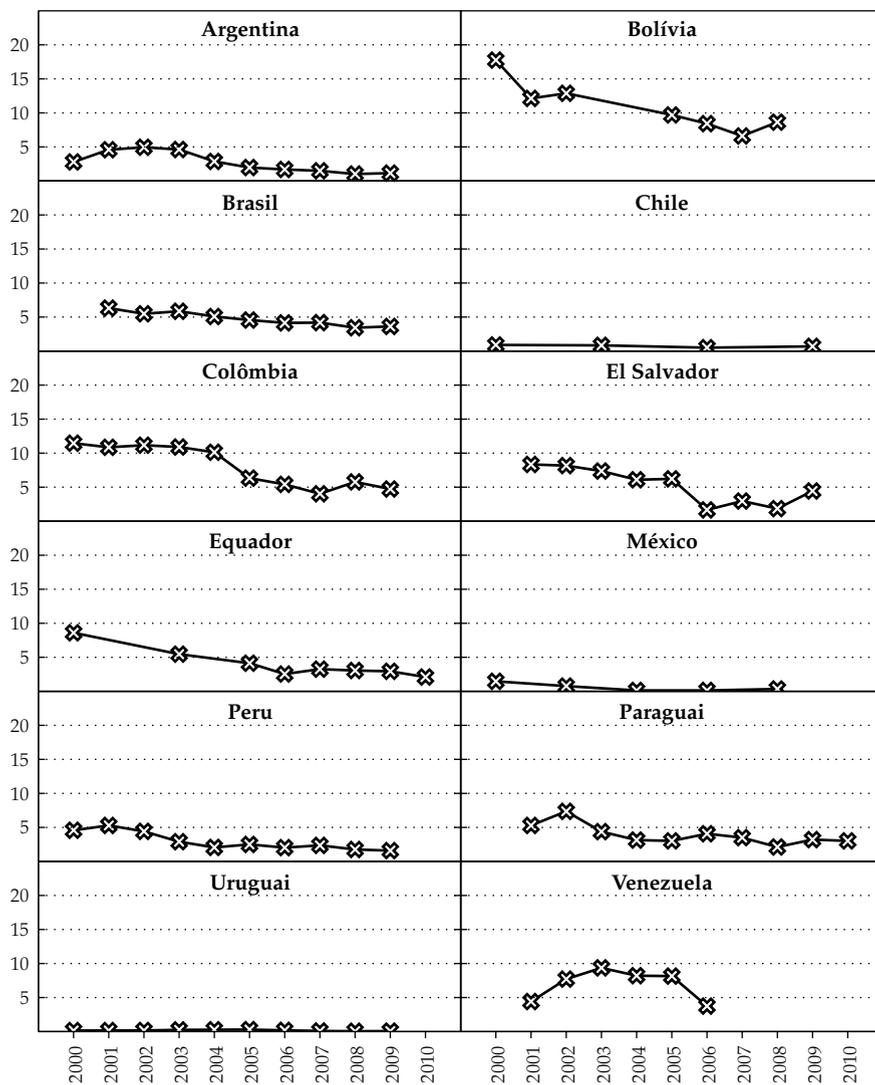
Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

Considerando linhas de pobreza mais altas, por exemplo, a de US\$ PPC 2 *per capita* diários, exibida no Gráfico 11, o desempenho em redução

da taxa é um pouco menor, mas com padrão semelhante ao observado no Gráfico 6 para a linha de pobreza extrema. Como a redução da pobreza está associada ao crescimento da renda e/ou à redução da desigualdade, os países que tiveram melhor desempenho em reduzir a pobreza extrema (Gráfico 8) também foram os melhores para essa linha mais elevada, a despeito de uma ou outra alteração nos ordenamentos.

Resumindo, os indicadores mostram que, ao se tomar a renda como indicador de bem-estar, os 12 países considerados experimentaram ganhos inequívocos, com redução generalizada da pobreza e da pobreza extrema. Grande parte desse ganho proveio do aumento da renda, como indicado pelo crescimento da RNB *per capita*. Outra parte veio de uma novidade muito comemorada, dado o histórico desses países e da América Latina: a queda da desigualdade de renda. Excetuando o Uruguai, que já no início da década de 2000 havia atingido um patamar baixo para os padrões da região, todos passaram por reduções da desigualdade; em alguns, o coeficiente de Gini caindo a mais de 1% ao ano. Mas ainda há bastante espaço para quedas adicionais. A desigualdade permanece bastante elevada se comparada a de países europeus, muitos dos quais têm o coeficiente de Gini no intervalo de 20 a 30: dos 12 países considerados, cinco ainda tinham, no final da década, o Gini acima de 50 e nenhum abaixo de 40.

Gráfico 10. Hiato de pobreza extrema US\$ PPC 1,25/dia, 2000-2010

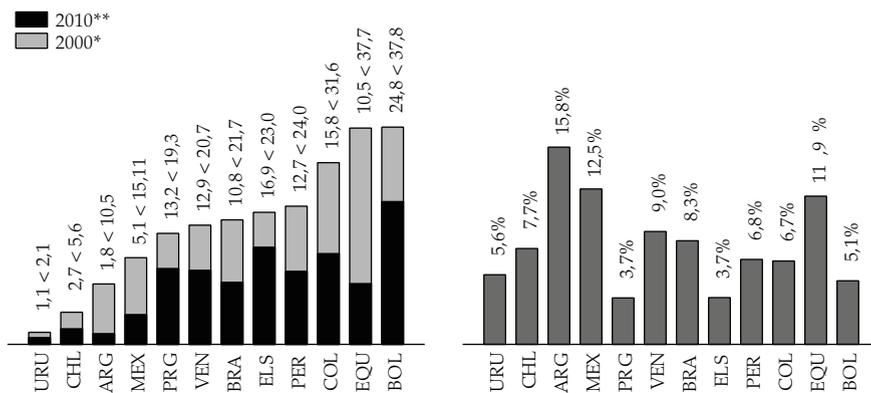


Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

### Gráfico 11. Taxa de pobreza US\$ PPC 2/dia, 2000 e 2010; taxa de redução média anual

Taxa de pobreza em % da população renda inferior a US\$ PPC 2/dia

Redução média anual 2000\* - 2010\*\*



\* Exceto BRA, ELS, PRG, VEN: 2001

\*\* Exceto BRA, CHL, ELS: 2009; MEX, BOL: 2008; VEN: 2006

Fonte: Banco Mundial. Indicadores de Desenvolvimento Mundial e Finanças para o Desenvolvimento Global.

A queda da desigualdade foi importante para ampliar as reduções da pobreza e da pobreza extrema, mas o crescimento da renda parece ter sido o principal fator, pois os países que passaram por maiores reduções da pobreza foram os de maior crescimento da RNB. Nesse aspecto, o México se sobressaiu por ter conseguido redução de pobreza extrema consideravelmente superior a dos outros países, mesmo os com maior crescimento e maior redução de desigualdade. Mais surpreendente ainda é constatar que o Uruguai atingiu uma taxa de pobreza extrema de 0%, a erradicou estatisticamente, ainda que no mundo real, seja onde for, em qualquer momento existirão pessoas em pobreza extrema. Ao menos mais três países caminham para uma taxa de pobreza extrema de 0% no curto prazo, mantidas as tendências observadas: Argentina, Chile e México. Se o fenômeno do desenvolvimento com crescimento inclusivo continuar a se manifestar na região, pode se esperar que, com certa defasagem, os demais países repitam o feito e que, uma vez estatisticamente erradicada a pobreza extrema, progressivamente diminuam também os contingentes mais elevados de população vivendo abaixo da linha de pobreza.